

10. Experiência do *Magnificat*

No moteto de Giovanni Pierluigi da Palestrina, depois da grande e fundamental, ou melhor, fundante insistência sobre a palavra “*desiderat*”, a um certo ponto, enquanto os baixos ainda estão cantando e repetindo pela última vez “*desiderat*”, a palavra “*anima*”, o sujeito do desejo, anunciada pela comparação com a corça sedenta, encontra-se como que catapultada nas notas mais altas dos sopranos, e é cantada com notas longas, em particular os dois “a[s]”. É como se, chegada à meta, a alma se dilatasse, saboreasse toda a altura e a vastidão da sua natureza, da sua capacidade de plenitude. Mas imediatamente, o “*mea*” desce e se prolonga, como se a alma se maravilhasse de ter chegado tão alto e dissesse a si mesma: “Realmente eu, realmente a *minha* alma é capaz disto, é capaz de ser elevada tão alto pelo seu desejo?!”

Certamente, a este ponto Giovanni Pierluigi da Palestrina pensou no *Magnificat*, isto é, na alma da Virgem Maria que, tomando consciência daquilo que lhe acontecia, do acontecimento que a tomava e a elevava do profundo da sua humildade de serva, alcança uma relação incrível com o Mistério, com Deus, com a presença de Deus. A alma de Maria se vê capaz de *magnificar* o Senhor, literalmente de “engrandecer” o Senhor, de dilatar-se na presença do Deus que sempre desejou, a quem sempre aspirou, como a corça sedenta deseja beber da fonte da sua vida, da sua alegria, da sua natureza sedenta de infinito. O abismo da miséria humana é tornado capaz de dilatar-se à medida sem medida da grandeza de Deus.

São Bento tem uma frase muito bela no Prólogo da Regra na qual alude ao *Magnificat* de Maria, que nasce no coração daqueles que, justamente graças ao temor de Deus, reconhecem em si a obra misericordiosa de um Deus presente: “*Timentes Dominum [...] operantem in se Dominum magnificent* – Aqueles que temem o Senhor [...] magnificam o Senhor que neles opera” (Pról. 29-30).

No *Sicut cervus* de Palestrina, é como se a alma, isto é, o coração humano, descobrisse a sua plenitude no próprio fato de desejar a presença d'Aquele que a cria. Justamente enquanto os sopranos estão já saboreando e prolongando a plenitude de consciência que a alma tem de si mesma, da sua grandeza, da dilatação de si ao magnificar o Senhor, os baixos, exatamente abaixo na partitura, estão ainda cantando, repetindo-o duas vezes: “*desiderat, desiderat*”.

O coração humano é feito de tal modo que, quando toma consciência e faz experiência de ser criado para desejar Deus, nasce como que uma coincidência entre o desejo e a plenitude, entre a falta e a realização, uma coincidência entre o abismo do homem e o abismo de Deus. O coração descobre que basta desejar a Deus para possuí-lo, para conhecê-lo por experiência própria, pois o próprio desejo já é todo um espaço para Ele, é todo um espaço que Ele criou em nós para Ele, e somente para Ele. O sentimento de falta de Deus que experimentamos é, em nós, o espaço inteiro de Deus, todo para Ele, que nada nem ninguém consegue ocupar se Ele não vier, se Ele não estiver aqui. O desejo em nós é como a marca do eterno em nossa finitude.

O desejo consciente de realizar-se somente na presença de Deus é a plenitude do homem, uma plenitude de graça que a vinda de Jesus Cristo, a encarnação do Verbo, realiza totalmente. O *VOLO TECUM* já é *PARADISUS* porque Jesus já está aqui e mendiga a comunhão conosco, atraindo-nos em silêncio. Por isso, todo o humano que repete continuamente “*sicut cervus desiderat, desiderat, desiderat... ad fontes aquarum*”, ao tornar-se consciente de si mesmo, desse desejo que anima tudo, todas as relações, todas as ações, todos os pensamentos, todas as palavras, todos os sentimentos, tudo o que é humano – se levado a sério nisso, se cuidado nisso – torna-se o espaço no qual a alma experimenta a gratidão – porque é graça, porque é gratuita – da realização, de uma grandeza infinita de si mesma, ou seja, do paraíso.

Mas o que é, como é a realização?

É o terceiro aspecto que me toca pelo modo como é expresso no moteto de Giovanni Pierluigi da Palestrina. A realização é um TU, o TU de Deus! A alma encontra-se no alto, dilatada pelo estupor de ver realizar-se o seu desejo lancinante, sedento, que, se não for satisfeito, faz com que a alma morra, morra de sede. E, lá no alto – naquela altura profunda, cume da experiência humana, da experiência que podemos definir “mística”, porque é experiência do mistério do homem no mistério de Deus –, lá no alto, é como se a alma se detivesse, se detivesse em um repouso. Primeiro, ela repete duas vezes: “*ad te Deus*”, como se parasse, a princípio, para descobrir a si mesma como “um ser feito para Deus”, “um ser feito *ad te Deus*, feito voltado para Deus”. Como se a alma dissesse: “Eu não sabia que tinha sido feita para Ti, que todo o meu desejo, minha aflição, minha ânsia e medo de morrer de sede eram símbolo do fato de eu ter sido feita *ad Te*, em direção a Ti, para Ti. Eu pensava que fosse um defeito, uma carência, uma diminuição do meu ser, uma miséria da minha natureza, e eis que: tudo era *ad Te, Deus!*”

Quantas inquietações experimentadas, sofridas, por exemplo na adolescência, nos pareceram um defeito, enquanto ao nosso redor todos nos pareciam estar bem, estar à vontade na vida, e nós nos sentíamos como o patinho feio. Há sofrimentos e feridas na nossa vida, desde a nossa infância, com os quais um belo dia nos sentimos reconciliados, que até mesmo abençoamos, porque descobrimos que eram e são *ad Te, Deus!*

Os sopranos, quando ainda as outras vozes os seguem ao repetir e modular “*ita anima mea ad te Deus*”, detêm-se para sustentar até o fim, por quatro compassos, o “u” de “*Deus*”, sobre a mesma nota, como se não quisessem mais deixar de saborear e contemplar Deus como fim e realização do desejo da vida.

Mas podemos também pensar que os sopranos prolonguem a nota para esperar que todas as outras vozes cheguem, nos dois últimos compassos, a deter-se sobre a mesma vogal, para formar juntas, no último compasso, um harmonioso acorde, saboreando a paz comum de realizar-se no TU de Deus para o qual todos somos feitos, e que, por assim dizer, nos esperou através de todas as modulações das nossas diferenças, de todos os nossos diferentes ritmos e alturas, através de todas

as nossas e alheias subidas e descidas, através dos nossos conflitos durante o caminho que, apesar de tudo isto, ou graças a tudo isto, fizemos juntos.

O repouso da alma em Deus, no TU que atraiu a sua sede, nós o descobrimos compartilhado, unificante, fonte de comunhão. Lá onde a alma de cada um sacia a sua sede na sua Fonte original, cada um encontra os outros, todos os outros, na beleza e harmonia de uma comunhão, de uma fraternidade, de um ser feitos uns para os outros, que é graça, que é dom d'Aquele que nos faz para Ele. É um repouso em Deus e um repouso entre nós; uma reconciliação com Deus e uma reconciliação entre nós. Descobrimos que a comunhão com Deus coincide com a comunhão entre nós, e também isto é beleza, também isto suscita estupor, dilata a alma. A alma abraça o Pai e se reencontra abraçando o irmão, a irmã, que talvez nos fosse indiferente ou até mesmo inimigo.

Estar com Jesus é verdadeiramente o paraíso, mas um paraíso de comunhão fraterna.